



PREENCHENDO LACUNAS: Trajetória das mulheres no curso de arquitetura em Salvador - 1920-1960

História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil

Telmi Adame

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAUFBA
telmiarquit@hotmail.com

Shirlei Pimenta Soares dos Santos

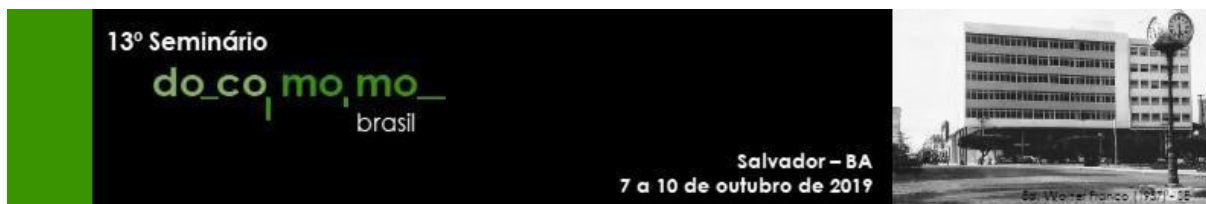
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, FAUFBA
shirleipimenta04@gmail.com

Resumo: A partir da Escola da Annales ocorrem grandes mudanças no modo de visualizar a escrita histórica. São questionadas as narrativas predominantes até o século XX e, posterior ao movimento, as críticas historiográficas se ampliaram em diversas áreas. A arquitetura, sendo uma dessas áreas, começa seus questionamentos mais tardiamente e pode-se dizer que ainda engatinha em relação às outras pesquisas, como na Sociologia e História. Este trabalho tem como objetivo contribuir para uma escrita mais plural dentro da área de Arquitetura. Sendo assim, a ausência das mulheres na história da arquitetura é lacuna a qual não deve mais ser adiada entre as pesquisas a serem desenvolvidas. Salvador como escolha territorial se dá por vários motivos de aproximação, mas não unicamente por esse motivo. A capital baiana tem grande presença de mulheres nas escolas e, é majoritariamente feminino na atuação profissional. No estado também ocorre um desaparecimento historiográfico em comparação aos estados do Sudeste, mesmo tendo grande produção modernista, em especial entre as décadas de 1940 e 1950. Vale ressaltar que a pesquisa não tem como objetivo suprir o debate acerca do tema, por isso se utilizou do recorte temporal que se estabelece entre as décadas de 1920 e 1970, importante período para a Escola de Arquitetura em Salvador, principalmente para a análise da participação feminina e, em especial, da sua primeira inserção em 1936 com a primeira diplomada.

Palavras-chave: Historiografia. Modernismo. Arquitetura. Mulheres. Salvador.

Abstract: From the School of the Annales there are great changes in the way of visualizing historical writing. The prevailing narratives are questioned until the twentieth century and, after the movement, the historiographical critics have expanded in several areas. Architecture, being one of these areas, begins its questions later and it can be said that it still crawls in relation to other researches, as in Sociology and History. It aims to contribute to a more plural writing within the area of Architecture. Thus, the absence of women in the history of architecture is a gap which should no longer be delayed among the researches to be developed. Salvador as a territorial choice is for several reasons of approximation, but not solely for this reason. The Bahian capital has a large presence of women in schools and is mostly female in professional practice. In the state there is also a historiographic disappearance compared to the states of the Southeast, even having a great modernist production, especially between the 1940s and 1950s. It is worth noting that the research is not intended to fill the debate about the theme, so it was used an important period for the School of Architecture in Salvador, mainly for the analysis of female participation, and especially for its first insertion in 1936 with the first graduate.

Keywords: *Historiography, Modernism, Architecture, Women, Salvador.*



PREENCHENDO LACUNAS: Trajetória das mulheres no curso de arquitetura em Salvador - 1920-1960

Introdução

O presente trabalho é produto do primeiro ano de trabalho do projeto de pesquisa intitulado “Cadê as arquitetas Modernas Baianas?” iniciada em julho de 2018, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) que visa entender e debater as questões de gênero e arquitetura especificamente na cidade de Salvador (BA)¹. O tema arquitetura e gênero vem se desdobrando durante os últimos anos e aos poucos diversas pesquisas vêm ampliando seus estudos aqui no Brasil. No âmbito internacional, em especial nos Estados Unidos e na Europa, já existem produções sobre o tema desde a década de 1970 como mostra os estudos de Ana Godinho Lima (2014).

Segundo estudo divulgado por María Novas em sua obra intitulada *Arquitectura y Género: una reflexión teórica* (2014) a primeira arquiteta atuante foi a Plautilla Bricci (Roma, 1616-1690)². Posterior à ela veremos profissionais atuantes apenas após o século XIX. As mulheres, não necessariamente arquitetas, se envolvem com a abordagem residencial ou como designer de interiores de forma pioneira, e não necessariamente projetando, mas, escrevendo. Elas escrevem em seus lares, espaço este que durante muito tempo é considerado “adequado” para as mulheres perante a sociedade (LIMA, 2014). A atuação dessas mulheres abre caminhos para nossas gerações, que com o avanço de direitos começam a expandir sua participação em diversas áreas, entre elas a arquitetura.

Segundo Lima (2014) as mulheres na arquitetura têm uma abertura maior com projetos em seu ciclo de vida, iniciam projetando casas para si, familiares e conhecidos. Ainda de acordo com Lima, as mulheres tinham propriedade para projetar casas, conheciam a rotina, estavam familiarizadas; elas também não concorriam diretamente com os homens, afinal eles

¹ A pesquisa mencionada faz parte de uma série de projetos realizados e orientados pelo Professor Doutor José Carlos Huapaya Espinoza, iniciados em 2014, cujos temas visam debater as questões de gênero e arquitetura. Até o presente momento, obteve a participação de doze membros integrantes em sua totalidade, sendo elas: Sabrina Rachel Rubio, Priscila Monique da Silva Santos, Clara Demettino Castro Vasconcelos, Nedda María Alejandra Noel Tapia, Telmi Adame, Mariana Santos de Oliveira, Caroline Vieira Pinto Travassos, Rebeca Conceição Moreira de Azevedo, Jéssica Silva de Asis, Alyssa Volpini Lustosa, Shirlei Pimenta Soares dos Santos e Rosana de Melo Costa. Entre essas fica aqui nosso agradecimento às integrantes Priscila Monique, Mariana Santos, Rosana de Melo e Alyssa Volpini pela revisão e demais contribuições ao artigo.

² A arquiteta Plautilla Bricci é “[...]conhecida por projetar a Capela de San Luís em Roma e a desaparecida Villa Benedetti, segundo consta nos contratos da construção conservados em Roma” (Lollobrigida, 2013 apud NOVAS, 2014, p. 20, tradução nossa).



almejavam edificações maiores, como obras públicas. Posteriormente vieram as pioneiras como Lina Bo Bardi, de forma ousada trabalhando com edificações públicas, onde executou com grande êxito, construindo duas grandes obras mundialmente reconhecidas: o Museu de Arte Moderna de São Paulo (1948) e o SESC Pompéia (1982), além de várias outras obras consagradas.

A existência e o resgate de pioneiras, como Lina Bo Bardi, Denise Scott Brown, Zaha Hadid, etc., se tornaram uma referência essencial na jornada de expansão das mulheres na arquitetura. Diante deste contexto, surge a indagação: Entre as arquitetas que conhecemos, é possível haver alguma ainda não descoberta? Acreditamos que sim. Na história não resta dúvidas de que o cotidiano é apagado, e nele a participação feminina. É possível que haja mulheres em diversos dos nossos estados que atuaram de forma grandiosa ou pontual, mas ambas fazem parte de uma construção histórica e por isso é preciso que seja feito o maior esforço para que a história tenha preenchido suas lacunas, as quais forem possíveis. Por isso, este trabalho tem como objetivo investigar esta conjuntura especificamente no estado da Bahia (local de origem da presente pesquisa), examinando e analisando como se deu o processo de inserção das mulheres nesta área desde o princípio de sua formação acadêmica, através do levantamento de informações em acervos de arquivos físicos contendo informações acerca do corpo discente da Faculdade de Arquitetura da UFBA (FAUFBA) determinando um recorte temporal entre as décadas de 1920 a 1960, período este que abarca tanto a criação e os anos iniciais da FAUFBA quanto um momento anterior a este. Para isto, procurou-se compreender como se deu a expressão quantitativa e a trajetória dessas mulheres ainda enquanto estudantes, um cenário que por sua vez permite entender a atuação das mulheres enquanto profissionais nesta época marcada pela arquitetura moderna, de forma a reconhecer a contribuição histórica destas e as desigualdades de representação de gênero no campo da arquitetura, além de teorizar respostas para indagações que vão surgindo no decorrer do processo de pesquisa.

Indispensável citar que o levantamento de dados nos acervos físicos ocorreu primeiramente no acervo da própria Faculdade de Arquitetura da UFBA, cuja organização foi realizada na gestão da Prof.^a Ana Fernandes entre os anos 2000 e 2003. Posteriormente, foi feito o mesmo levantamento na Escola de Belas Artes da UFBA (EBA), considerando o fato de que o curso de arquitetura na Bahia surgiu inicialmente vinculado a esta, tendo seu acervo sistematizado na gestão do Prof.^o Anderson Marinho. Dito isso, gostaríamos de deixar aqui um agradecimento a todos os envolvidos que ajudaram na realização do levantamento de informações nesses acervos, em especial aos organizadores citados acima e ao professor



Luís Paixão e à monitora Dandara Sarmiento, que acompanharam o levantamento no acervo da EBA.

Perante estes acervos, a metodologia adotada para coleta de dados relevantes para a pesquisa foi a de identificar e selecionar caixas com documentação relativas aos estudantes do curso de arquitetura dentro do recorte temporal estabelecido, analisando documentos tais como listas de estudantes ingressos, diplomados, etc.; relatórios de vestibulares; e arquivos individuais de discentes como fichas e dossiês.

Para embasar este estudo, o presente trabalho busca referências e contribuições conceituais, como das autoras: Ana Gabriela Godinho Lima (2004), autora da tese *Reverendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista*, que obteve como resultados a relevância de abordar em seus estudos a história da educação da arquitetura e “[...] a perspectiva feminista, que propõe novas categorias de análise e abordagem, trazendo assim à tona questões que não têm merecido atenção no ensino da arquitetura” (p.1479), um trabalho que dez anos depois se desdobra e se amplifica em *Arquitetas e arquiteturas na América Latina no século XX* (2014); Flávia Carvalho de Sá (2010), contribui para esse quadro com seu projeto de mestrado, onde identifica a participação das mulheres na produção de projetos arquitetônicos e analisa seu percurso profissional, procurando entender as formas de inserção dessas mulheres no mercado de trabalho da arquitetura no Brasil a partir da década de 1990; Silvana Rubino, em sua obra mais recente (junto com José Tavares Correia de Lima, Flávia Brito do Nascimento e Joana Mello de Carvalho e Silva), *Domesticidade, Gênero e Cultura Material* (2017) traz as questões de gênero associadas ao espaço doméstico e a cultura material, mas também contribui com diálogos entre arquitetura, ciências sociais e história; Rubino também vem produzindo uma série de artigos e textos com enfoque no debate como *Lina por Escrito: Textos escolhidos de Lina Bo Bardi* (2009), *Memórias de uma moça (nem tão) bem-comportada* (2009) e *Corpos, cadeiras, colares: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi* (2010); e por fim, María Novas, autora de *Arquitectura y Género: una reflexión teórica* (2014). Junto a essas, outras autoras também vêm dando base para novos aprofundamentos como este em pesquisa de gênero e arquitetura, visando uma nova perspectiva de atuação igualitária.

Arquitetas e arquitetura

A arquitetura é hoje umas das profissões que no Brasil possui um número majoritário de mulheres. Segundo o CAU/BR (2016) as mulheres ocupam cerca de 62% dos profissionais atuantes, porém quanto ao número de cargos representativos ocorre uma grande



discrepância. Entre as entidades representativas operantes, o Conselho de Arquitetos Urbanistas (CAU), o Instituto de Arquitetos Urbanistas (IAB), e diversos sindicatos estaduais, são poucos os cargos ocupados por mulheres. Entre os presidentes estaduais vigentes do CAU, gestão 2018-2020, apenas 25,9 % são mulheres. A mesma porcentagem ocorreu na gestão 2015-2017 e, em 2011-2014, a porcentagem foi ainda menor, com apenas 11,1 % de mulheres na gestão (CAU/BR).

De maneira mais ampla, as mulheres vêm superando dificuldades desde a sua formação acadêmica, como na Escola Bauhaus, em 1920, quando o diretor Walter Gropius sugeriu em um dos Conselhos de Mestres que era necessário aumentar a rigidez do processo seletivo, sobretudo para as mulheres, que, segundo ele, estavam em número excessivo (LIMA, 2004). Diante do exposto, as dificuldades enfrentadas não terminam na formação acadêmica, são ainda estendidas para o campo profissional, independentemente da área de atuação (teórica, crítica, projetual) ambas são sujeitas a um processo de invisibilidade e preconceito. Exemplo disso são os estudos como de Graft-Johnson, Manley e Greed (2005)³ que descrevem de forma pontual as dificuldades enfrentadas por arquitetas, bem como relatos das mesmas, a exemplo, o de Denise Scott Brown. A arquiteta Brown, colega e sócia de trabalho do marido, foi a primeira mulher a expor sua indignação em relação à falta de reconhecimento do trabalho das mulheres. Em um encontro anual do AJ Women in Architecture Awards, em Londres de 2013. Denise se pronunciou pedindo o reconhecimento por seu papel na premiação de seu companheiro, Robert Venturi. No depoimento, ela declara [...] sua tristeza com a exclusão e foi além: eles me devem não só um prêmio Pritzker, mas também a cerimônia. Devemos celebrar o conceito de criação conjunta (TAMAKI, 2013). Em outra situação, expõe que foi convidada a se retirar de uma foto, para que os arquitetos pudessem sair sozinhos; ela então afirma ser arquiteta, porém, mesmo assim é solicitada sua retirada (LANGE, 2013).

No Brasil, foram poucas as arquitetas que conseguiram se inserir junto aos grandes destaques, sobretudo no período modernista, e obtiveram visibilidade em seus trabalhos profissionais (não só no campo prático da arquitetura mas também no teórico) como Lygia Fernandes, Lina Bo Bardi, Ana Gabriela Godinho Lima, entre outras, mas que tiveram menor

³Entre as dificuldades identificadas podemos destacar: baixos salários; salários desiguais; longas horas de trabalho; inflexibilidade nas horas de trabalho; marginalização; áreas limitadas de trabalho; teto de vidro; condições estressantes de trabalho; paternalismo protetivo/impeditivo; desenvolvimento da experiência; cultura machista; sexismo; redundância ou demissão; alto risco de litígio e altos custos de seguridade; falta de treinamentos e capacitação; maior satisfação com o trabalho em outras áreas (GRAFT-JOHNSON; MANLEY; GREED, 2003, tradução nossa, p. 3).



destaque quando comparado a bibliografias e materiais produzidos e divulgados de nomes masculinos. Porém, analisando tal conjuntura num plano maior, a visibilidade dessas arquitetas consegue ser ainda maior quando comparada às arquitetas no estado da Bahia, cuja historiografia consegue ser praticamente nula, fato este que inspirou o enfoque geográfico utilizado nesta pesquisa.

O curso de Arquitetura em Salvador

O curso de arquitetura, hoje situado na Faculdade de Arquitetura da UFBA, demorou alguns anos para se estabelecer, sendo inicialmente realizado na Escola de Belas Artes. Com um histórico de grandes dificuldades e instabilidade, a faculdade foi se adaptando e conquistando paulatinamente seu espaço, financiamento e reconhecimento. Esse processo de formação do curso é fundamental para entendermos em especial o contexto social e a mudanças durante o processo da escola, para isso utilizaremos o trabalho de Fernando Luiz da Fonseca, *Apontamentos para a história da Faculdade de Arquitetura da UFBA*, publicado em 1984. A atual Escola de Belas Artes, originalmente denominada Academia, foi fundada graças aos esforços de Miguel Canizares, em 1876, que primeiramente tinha como destino o Rio de Janeiro, mas teve seu trajeto alterado devido a fuga da Febre Amarela presente no estado, vindo então da Espanha direto para o litoral baiano. Logo depois da organização da Academia, o arquiteto José Nivaldo de Allioni foi responsável pelo currículo do curso com disciplinas como: Desenho Linear, Mitologia Greco-Romana, Noções de Física, etc. As dificuldades nesse período não eram poucas:

Improvisavam-se materiais para o ensino. Bancos, tamboretos, cavaletes e pranchetas eram feitos com caixões de pinho, e os alunos mais abastados proviam a Escola de outros materiais, inclusive lâmpões e querosene, pois havia também um curso noturno. Os alunos pagavam uma mensalidade de dois mil réis para manutenção do Curso e os professores trabalhavam pelo ideal de ensinar, na maioria das vezes sem receberem remuneração (FONSECA, 1984, p.4).

A Escola teve muitos diretores, depois de Canizares que foi desligado em 1882 por “desinteligência” com alguns professores da Congregação, João Francisco Lopes Rodrigues assume então como diretor até sua morte em 1893, logo em seguida o engenheiro arquiteto José Allioni que deixou o cargo para Dr. Braz Hermenegildo do Amaral. Nesse período ocorre um marco importante, em 1891 a Congregação deliberou a mudança da denominação de Academia para Escola de Belas Artes, nome que permanece até se tornar parte da Universidade da Bahia. Neste período também acontecem altos e baixos em relação às



condições financeiras da escola, porém de maneira mais generalizada os investimentos se ampliaram e geraram bons frutos. Depois de Amaral, o Dr. Eduardo Dotto assume até sua morte em 1937, logo após ocupa o cargo de direção o Prof. Oseas dos Santos, depois dele alguns outros diretores passam pelo cargo: José Nivaldo Allioni Filho, Dr. Leopoldo Afrânio do Amaral, Américo Furtado de Simas e Manoel Inácio de Mendonça Filho. Anos ainda, de muitos desafios e crises vivenciadas, porém para alguma alegria, alguns nomes de diplomados começam a aparecer: Antonio P. Navarro de Andrade (diplomado em 1920), Cunegundes Moreira Penna (diplomado em 1934). Em 1936 aparece um número mais significativo de diplomados, e uma surpresa, a primeira mulher, Lygia Gabriela Alves, não só a primeira mulher diplomada até então, como também a única do mesmo ano (1936), e a primeira mulher a aparecer na história do curso de arquitetura (FONSECA, 1984). Sobre ela e demais diplomadas veremos mais à frente, nos resultados da pesquisa.

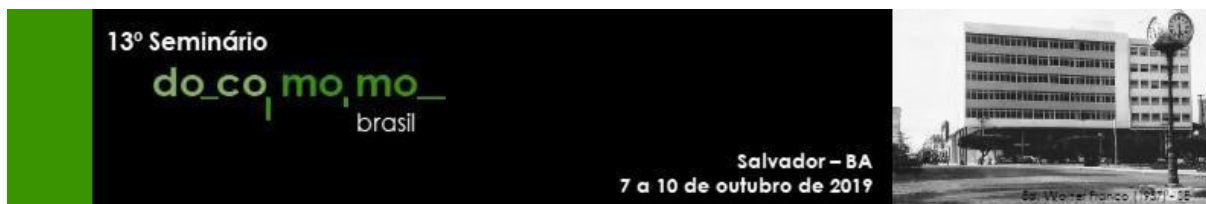
Apesar de alguns cursos como pintura, escultura e gravura já serem, desde de 1943, reconhecidos nacionalmente, a arquitetura chega em 1948 como uma “aceitação do trabalho profissional”, porém, sem reconhecimento e regularização. A espera não tardou muito e em 1949 a Escola se incorpora à Universidade, sendo então federalizada.

Este reconhecimento se deu através da emenda N° 21 do Projeto de Lei de N° 494. A Federalização assegurava ao arquiteto o pleno direito de exercer a sua profissão em todo o país e iria provocar uma futura correção na legislação de 11 de dezembro de 1933, que assegurava aos engenheiros civis, quase todos os campos profissionais do arquiteto, exceto: ‘obras essencialmente artísticas e monumentais’ e ‘grandes decorações arquitetônicas’ (FA-UFBA)⁴.

O que se pode observar após a federalização, em 1949, foi de que, de maneira geral, houve um aumento da estrutura física, bem como o número de vagas para novos ingressantes, e, como consequência ou não o número de mulheres ingressantes se ampliou. Na linhagem temporal, em 1959 ocorre a separação física do curso com a EBA, iniciando suas atividades no edifício onde funcionava a Biblioteca da Secretaria de Educação, na Avenida Sete de Setembro, no bairro da Vitória, e mudando-se definitivamente em 1963 para a rua Caetano Moura, no bairro da Federação.

Formação das arquitetas em Salvador

⁴ Disponível no site da FA-UFBA: <<https://arquitetura.ufba.br/pt-br/historico>>. Acesso em: 15 maio de 2019.



Segundo pesquisas divulgadas nos últimos anos, a área de Arquitetura e Urbanismo na Bahia tem demonstrado uma representação predominantemente feminina. Em divulgação mais recente mostra-se que 61% dos profissionais atuantes na área são mulheres (CAU/BR, 2018), porém, nem sempre estes dados foram assim. Com as informações coletadas nos acervos de arquivos já citados, foi possível obter como resultados os seguintes gráficos (como forma de sistematização das informações colhidas), através dos quais optou-se primeiramente pelo levantamento de dados mais gerais acerca da representação de gênero no processo de inserção de discentes no curso de arquitetura da UFBA e, como já abordado na introdução, o acervo analisado buscou coletar dados relevantes para a pesquisa, sendo assim, entre as caixas analisadas foram exploradas listas de estudantes ingressos, diplomados, etc., relatórios de vestibulares e arquivos individuais de discentes como fichas e dossiês.

No Gráfico 1, foi feita uma análise quantitativa entre a busca de mulheres e homens pela formação acadêmica no curso, ou seja, que prestaram vestibular nos anos demonstrados.

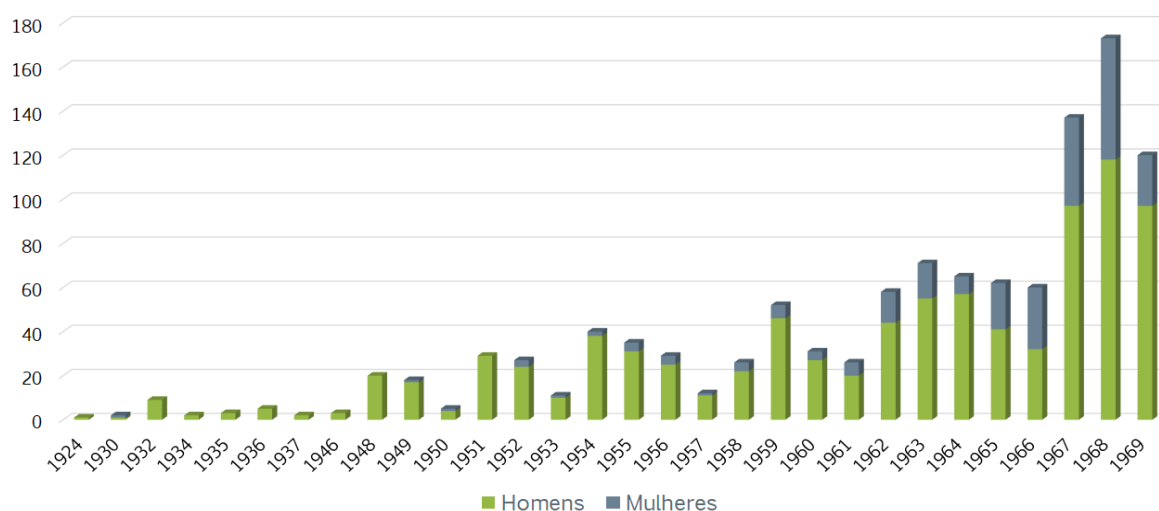


Gráfico 1: Relação de vestibulandas e vestibulandos entre as décadas de 1920 e 1960
Fonte: Elaboração das autoras com base nas informações obtidas nos acervos, 2019.

As informações coletadas permitiram ainda estabelecer a relação quantitativa das mulheres e homens que de fato ingressaram no curso, sendo assim, aqueles que foram aprovadas (os) em seus respectivos anos de vestibular, relação esta contida no Gráfico 2.

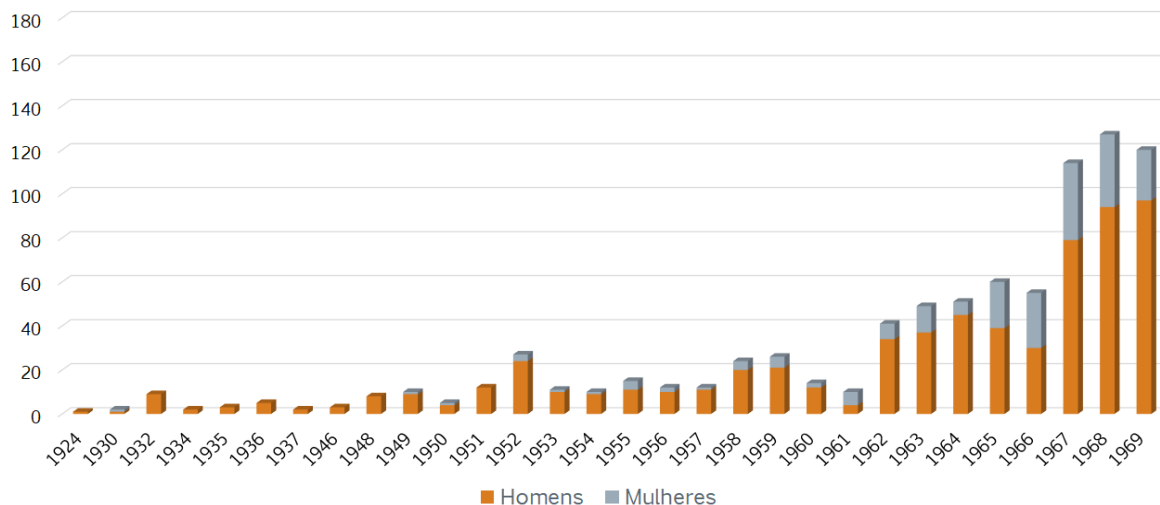


Gráfico 2: Relação de aprovadas e aprovados entre as décadas de 1920 e 1960
 Fonte: Elaboração das autoras, 2019.

Diante desses gráficos, uma série de observações é necessária. Primeiro, é pertinente lembrar que, assim como todo acervo físico de documentos, os utilizados na presente pesquisa estão sujeitos à perda de informações, ainda mais se tratando de documentos tão antigos quanto os examinados para a presente pesquisa, sendo assim, é possível que alguns dados aqui apresentados estejam incompletos. Esta ponderação pode ser observada quando, por exemplo, analisamos que, para as respectivas informações dos gráficos acima, não houveram resultados nos anos de 1931, 1933 e ainda durante longos períodos compreendidos entre os anos de 1924 e 1930 e entre 1938 e 1945.

Do ponto de vista quantitativo, fica clara a grande discrepância entre a presenças masculina e feminina no curso, sendo esta última extremamente inferior à primeira. Em porcentagens totais, a presença feminina nos vestibulares entre todos esses anos foi de apenas 21%, sendo que, dentre os estudantes aprovados, segue-se uma proporção aproximada, de 23% de mulheres somente. Mesmo demonstrando um certo acréscimo ao longo dos anos (o natural a ser esperado, tendo em vista a ampliação do número de discentes no curso para ambos os sexos ao longo dos anos), a presença feminina sofre algumas oscilações que nos indica o quanto a presença feminina ainda era instável, cuja ampliação gradativa ainda não era consolidada mesmo nos anos mais posteriores da década de 1960: basta analisar, por exemplo, os anos entre 1967 e 1969, em que é possível ver a aumento da presença masculina mas, em contrapartida, o decréscimo da presença feminina (sendo, portanto, desproporcional à tendência de crescimento), devendo também aumentar juntamente à presença masculina.



Ainda se tratando sobre a inserção das mulheres no curso de arquitetura, é interessante visualizar o que talvez seria a representação da concepção histórica de que a mulher não é atuante em profissões que envolvem técnica e tecnologia, como é o caso da arquitetura. Segundo Godinho (2004), as mulheres logo no início de sua inserção na escola Bauhaus eram enviadas para tecelagem, o curso de arquitetura não era considerado um curso pertinente a atuação feminina, as mulheres ultrapassaram essa limitação, porém a própria construção social que perdura até a o presente momento dificulta as mulheres a se inserirem nesse meio técnico, ou até mesmo se sentirem pertencentes a ele quando atuantes. A elas, as mulheres, é apresentado um papel social segregador desde sua infância, familiarizadas a cores ditas “femininas”, a tarefas domésticas e ao cuidado com o outro, seja ele uma criança, um idoso, ou alguém doente, a elas, pouco é apresentado o desafio de montar, desmontar, construir e criar. Todo esse processo afeta no direcionamento e na criação de uma identidade possível de se enxergar em qualquer profissão, ou área de conhecimento.

Nos dados apresentados, isso se traduz não somente na baixa procura de mulheres pelo curso mas também por um fato observado durante a análise dos dados colhidos durante o processo de pesquisa que foi a aparição de uma quantidade muito maior de homens que, na posição de reprovados no vestibular, repetiram o teste em anos seguintes, em comparação à quantidade de mulheres (95% dos que repetiram o vestibular foram homens e apenas 5%, mulheres), alguns inclusive que posteriormente atuaram como sócio fundadores do IAB-BA e na docência da Faculdade de Arquitetura, como é o caso de Messias Lemos Lopes. Ou seja, até que ponto esse tipo de interpretação preconceituosa e machista afeta a trajetória feminina?

Um outro dado preocupante e ao mesmo tempo interessante de se tratar aqui, é que, o único ano em que a quantidade de mulheres ingressas no curso foi superior à quantidade de homens ingressos foi em 1961, mesmo tendo no mesmo ano um número de homens que prestaram o vestibular superior em relação ao número de mulheres, contrariando as expectativas deduzidas. Por outro lado, além de ter sido uma diferença sucinta (de 6 mulheres e 4 homens), este ano foi o mesmo em que a quantidade de ingressos no curso, de ambos os sexos, foi inferior, desde a metade da década de 1950 até os anos seguintes, e, apesar de não existirem fontes concretas que indiquem o porquê dessa atenuação, nada impede de teorizar se as mulheres naquela época só conseguiriam uma presença superior no curso em casos como esse, quando ocorre uma baixa pela procura por tal formação acadêmica.



Partindo agora para o levantamento dos dados específicos sobre os arquivos individuais das discentes, foi adotada a metodologia de identificar, para cada mulher presente no curso, uma sequência de eixos evolutivos em sua trajetória acadêmica. Esses eixos consistem em:

- ingresso no curso;
- ingresso e conclusão do curso (colação de grau);
- e por último, ingresso, conclusão e obtenção de diploma.

A iniciativa de identificar estes três eixos bem como o respectivo quantitativo de mulheres nestes, e de distingui-los, foi tomada no intuito de nos ajudar a compreender a expressividade dessas mulheres posteriormente à sua formação, não podendo simplesmente analisar a entrada dessas mulheres no curso, mas também qual fração delas acabaram por abandonar o curso por motivos diversos ou que acabaram por não adquirirem seu diploma, fatores esses que impediriam a sua futura atuação profissionalmente.

Para alcançar tal objetivo, foi produzida uma tabela (Tabela 2, disposta em anexo neste documento) contendo estas informações para cada estudante encontrada, indicando os respectivos anos em que passaram pelos referidos eixos e diferenciando-os através de uma escala gradual de cores.

Como mostram os dados do Anexo 1, foi possível obter as seguintes informações: de todas as mulheres presentes no curso entre as décadas de 1920 e 1960, 10% destas de fato ingressaram no curso, porém, não concluíram o mesmo; 64% ingressaram e concluíram o curso mas não se diplomaram; e 26% realizaram todas as etapas acadêmicas, ingressaram, concluíram e se diplomaram. Analisando estes dados, é estimulante ver que apenas a minoria não concluiu o curso (pelo menos não na Bahia), por outro lado, surge a preocupação se realmente a grande maioria dessas mulheres não teriam adquirido seu diploma, para que assim, pudessem atuar profissionalmente na área. Pode-se ver também, na verificação de cada ano, que estas últimas aparecem em sua maioria na década de 1960 (mais especificamente a partir do ano de 1965), porém, faz-se necessário ressaltar que, estando a pesquisa ainda em andamento, esses números podem mudar posteriormente, além da perda de informações ao qual o acervo de arquivos físicos está sujeito.

A Atuação Profissional Feminina

Para falarmos sobre a atuação profissional dessas mulheres, tendo assim um panorama do que de fato foi a contribuição destas para a arquitetura moderna na Bahia, foi feito também



um estudo quantitativo dentro do total de mulheres ingressantes no curso. Os dados são significativos, sendo apenas 11% o número de mulheres que atuaram, como mostra o gráfico abaixo.

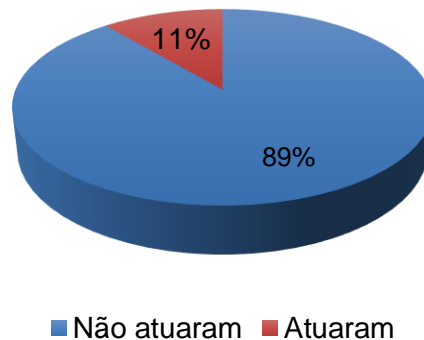


Gráfico 3: Relação de mulheres e que atuaram e não atuaram profissionalmente
Fonte: Elaboração das autoras, 2019.

Encontrar dados acerca da atuação dessas mulheres é o maior desafio enfrentado durante o processo de pesquisa, visto que é um tipo de informação que não se encontra nos arquivos acadêmicos das estudantes, sendo coletados através de mídias digitais e de informações dadas por profissionais que atuaram junto a elas na própria FAUFBA. Atrela-se a isso o fato de que, dessas mulheres atuantes, metade não se sabe ao certo se foram atuações, de fato, na área de arquitetura. Porém, como a pesquisa ainda está em andamento, é possível que esses números mudem posteriormente e é importante ressaltar que ainda não foram verificadas atuações de todas as mulheres, estes dados representam apenas as mulheres analisadas até então (cerca de 41% das mulheres identificadas).

Além das fontes já citadas, um outro viés de pesquisa adotado neste projeto e que em muito contribuiu para encontrar dados dessas atuações foi a pesquisa realizada nos arquivos do IAB-BA (Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento da Bahia). Abaixo, encontra-se uma relação dessas mulheres e suas respectivas atuações.



NOME	PERÍODO DE CURSO	ATUAÇÃO
Lycia Conceição Alves	1930 - 1936	Primeira arquiteta da Bahia;
Yêda Gomes da Silva Barradas	1949 - 1953	Sócio-fundadora do IAB (1954);
Vilma de Lima Campos	1952 - 1956	Conselho Fiscal do IAB, entre 1966/67;
Zélia Barreto de Almeida	1952 - 1956	IAB como 1ª Secretária, em 1958/59 e como Tesoureira em 1960/61;
Arilda Maria Barreiros Cardoso	1955 - 1959	Conselho Fiscal, do IAB em 1988/89;
Lúcia Maria Leal Gonçalves Pereira	1956 - 1960	Possui uma série de atuações em escritórios de arquitetura;
Maria Lúcia Freire de Araújo	1961 - 1965	Professora e Diretora da FAUFBA;
Eduarlina de Oliveira Almeida	1962 - 1966	Funcionária do IPAC;
Margarida Cunha de Miranda Motta	1962 - 1966	IAB como 1ª Tesoureira, em 1970/71, Secretária Geral, em 1976/77 e Co-suplente, em 1978/79;
Maria do Socorro Amorim Fialho	1963 - 1967	Atuou na prefeitura e IAB como 2ª Tesoureira, em 1970/71;
Rosa Alba Sarno	1963 - 1967	Atuou no IAB no Conselho de Representantes em 1968 e como 2ª Secretária, em 1970/71;
Terezinha Lúcia Gonçalves Rios	1963 - 1967	Foi Professora da FAUFBA e atuou no IAB no setor de Divulgação e Cultura, em 1972/73.

Tabela 1: Atuações das mulheres
Fonte: Elaboração das autoras, 2019.

Apesar do cenário desanimador, não podemos deixar de falar sobre a primeira arquiteta formada no curso de arquitetura na Bahia: a Lycia Conceição Alves (1904-2014). Conhecer sua história e disseminá-la é, de certa forma, inspirador e estimulante. Ingressou no curso em 1930, e, assim como geralmente ocorre a inserção de mulheres em áreas consideradas como “masculinas”, era a única mulher presente no curso (o que pode ser considerado como algo impressionante quando se analisa que a próxima mulher ingressa no curso apareceu apenas 19 anos mais tarde).



Figura 1: Lycia Conceição Alves, primeira arquiteta formada na Bahia
Fonte: SANTANA, Marcos (2014)

Negra, descendente de escravos e oriunda de família humilde, atuou na Sociedade e Amigos da Marinha (Soamar), onde foi sócia efetiva, e como topógrafa no Serviço de Águas e Esgotos da Bahia (atual Embasa), onde, novamente, fez história como sendo a única e primeira mulher a ocupar tal cargo. Lycia conseguiu reunir também uma série de homenagens durante sua trajetória profissional, estando ativamente envolvida em projetos de cunho social, tendo sido fundadora da Associação Brasileira Protetora dos Animais (ABPA-BA). Sua maior realização arquitetônica é considerada a casa em que vivia, que antes de sua intervenção era uma simples ruína, localizada na Travessa Firmino, no bairro do Politeama. Abaixo, na Figura 2, pode-se ver uma fotografia de como está a casa atualmente.



Figura 2: casa onde residia Lúcia Conceição Alves, também projetada por ela
Fonte: fotografia das autoras, 2019

Trata-se de uma casa germinada, atualmente a fachada de uma delas infelizmente foi nitidamente descaracterizada, a mais antiga demonstra manter as características iniciais (na qual Lúcia Alves morou até sua morte, aparentemente abandonada atualmente), porém seria necessária uma pesquisa mais aprofundada para afirmar sobre alterações e características originais, infelizmente nos limitamos apenas a análise superficial. Após Lúcia Alves, basicamente não há informações acerca de atuações projetuais na área (com exceção apenas de Lúcia Maria Leal Gonçalves Pereira, a qual foram encontradas atuações em diversos escritórios de arquitetura). Isso nos faz refletir se a separação do curso de arquitetura da EBA de alguma forma impactou na participação das mulheres na área profissional de arquitetura. Como já mencionado, o curso de arquitetura antes vinculado à Escola de Belas Artes, teve sua desvinculação e federalização em 1949, com isso, houve um aumento na presença quantitativa no curso, tanto de homens quanto de mulheres, entretanto, surge a indagação se a presença qualitativa das mulheres após a formação acadêmica se desenvolveu na mesma proporção. É notório que a separação do curso com a área das artes o torna mais tecnicista, e a sociedade em geral possui uma concepção histórica de que a mulher não está relacionada a profissões que envolvem a técnica, e sim o homem. Isso nos



faz pensar se, após essa separação, as arquitetas teriam encontrado maior dificuldade de se inserir no mercado de trabalho e atuando no campo projetual da arquitetura, algo que os dados acerca das atuações são capazes de indicar ao mostrar que a grande maioria das mulheres atuaram no campo acadêmico ou em órgãos públicos. Pode-se aqui citar novamente o caso da Lycia Alves, por exemplo, que se formou ainda antes da separação e que teve uma atuação projetual mais ativa que as suas subseqüentes, considerando-se ainda que a mesma estudou nas áreas de Música, Pintura e Matemática antes da formação em Arquitetura.

Considerações Finais

No desenvolvimento do tema foi possível perceber como a questão de gênero dentro da arquitetura ainda é um campo pouco explorado, como muitos recortes possíveis de desenvolvimento e como as pesquisas em relação ao tema podem ser de rica contribuição histórica e também presente. Também ficou evidente no decorrer das diversas fases do trabalho que Salvador é, enquanto campo territorial pouco divulgado em questões historiográficas, a de fato um esforço por parte da produção científica local para evidenciar cada vez mais tais produções, porém ainda são poucos os trabalhos que alcançam plena divulgação de sua importância, sendo assim cada vez mais necessária a utilização desse território como campo de estudos. No que se diz respeito aos dados de fato da pesquisa, podemos retomar a atuação das mulheres a partir de 1936, daí em diante as mulheres apresentam uma inclusão oscilante enquanto vestibulandas, ou seja, no decorrer dos anos o número de mulheres aumenta e diminui, sem manter, necessariamente um padrão. Apesar do número de mulheres ser menor que o dos homens durante os anos abordados (vestibulandas, formandas e diplomadas), é um número historicamente significativo, visto que a história dessas mulheres representa uma parcela da história da própria escola de arquitetura de Salvador e da história das mulheres dentro da arquitetura. Dito isso, é esperado que a presente comunicação tenha minimamente contribuído na ampliação historiográfica da profissão.

Sobre os documentos analisados, vale aqui ressaltar a importância de sua conservação. O estado atual dos documentos é lastimável, apesar de grande esforço já efetivado por professores e demais responsáveis, há um grande volume de documentos e pastas para serem conservados. O volume dificulta a estrutura do acervo e a ausência de pessoas responsáveis apenas pela organização, armazenamento e manutenção é inexistente. Por



isso, há uma certa urgência na análise desses materiais, antes que, junto a eles, as pesquisas se percam.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO DA EBA. Envelopes 40, 139, 142, 189, 193, 203, 216, 238, 239, 288, 342, 348, 349, 355 e 363.

ARQUIVO DA FAUFBA. Alunos reprovados no vestibular (1960 a 1969), caixas 304, 305, 313, 321, 354, 355, 356, 358; Dossiês de alunos, caixas 2, 5 a 7, 9, 13, 14, 16 a 18, 20, 21, 26, 27, 32, 39, 40, 42, 45, 46, 54 a 56, 58, 60 a 62, 67, 72 a 74, 76, 78, 80 a 82, 86, 90, 91, 96, 98 a 100, 102, 103, 105, 107, 110, 114 a 117, 119, 124 e 125; Fichas de alunos, caixas 398 a 404.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO. Conselhos Federais, gestão 2018 a 2020. Disponível em: <<http://transparencia.caubr.gov.br/conselheirosfederais/>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO. Conselhos Federais, gestão 2015 a 2017. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/segundagestao/>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO. Conselhos Federais, gestão 2011 a 2014. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/primeiragestao/>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO. Anuário de Arquitetura e Urbanismo, 2018. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/anuario-final-0301-web150.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA DA BAHIA. Artigo: História viva. Disponível em: <<http://www.crea.org.br/Artigo/176/Historia-viva.aspx>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

FONSECA, Fernando Luiz da. **Apontamentos para a história da Faculdade de Arquitetura da UFBA**. Salvador: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 1984.

GRAFT-JOHNSON, Ann. MANLEY, Sandra. GREED, Clara. **Why do women leave architecture?** University of the West of England, Bristol, 2003 p.1- 55.

HISTÓRICO. Faculdade de Arquitetura UFBA, 2019. Disponível em <<https://arquitetura.ufba.br/pt-br/historico>>. Acesso em: 1 fev. 2019.

LANGE, Alexandra. "Porque a arquitetura tem que ouvir suas mulheres esquecidas". [Necessary Hauntings: Why Architecture Must Listen to its Forgotten Women]. 2013. ArchDaily Brasil. (Trad. Helm, Joanna). Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/134611/porque-a-arquitetura-tem-que-ouvir-suas-mulheres-esquecidas>>. Acesso em: 14 out. 2018.



LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do Século XX.** São Paulo: Altamira Editorial, 2014.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Reverendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista.** Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2004.

NOVAS, María. **Arquitectura y Género: una reflexión teórica.** Tese (mestrado). Instituto Universitario de Estudios Feministas y de Género Facultad de Ciencias Humanas y Sociales Universitat Jaume. 2014, p. 80.

RUBINO, S.; GRINOVER, M. (Orgs.). **Lina por Escrito: Textos escolhidos de Lina Bo Bardi.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

RUBINO, Silvana Barbosa. **Corpos, cadeiras, colares: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi.** Cadernos Pagu (34), janeiro-junho de 2010, p. 331-362.

RUBINO, Silvana. Memórias de uma moça (nem tão) bem-comportada. Resenhas Online, São Paulo, ano 08, n. 089.01, Vitruvius, mai. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.089/3040>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SÁ, Flávia Carvalho. **Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico nas perspectivas das relações de gênero.** Tese (Mestrado) – Faculdade de arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SANTANA, Marcos. Homenagem de seu sobrinho, Marcos Santana, à Lycia Conceição Alves (primeira arquiteta da Bahia) em comemoração aos 60 anos do IAB-BA em 2014, cedido ao professor orientador da pesquisa, José Carlos Huapaya Espinoza.

TAMAKI, Luciana. Denise Scott Brown pede reconhecimento em Pritzker de 1991. Revista AU, 2013. Disponível em: <<http://www.piniweb.com.br//construcao/arquitetura/denise-scott-brown-pedereconhecimento-em-pritzker-de-1991-279975-1.aspx>>. Acesso em: 09 abr. 2018.



ANEXO 1

VEST.	NOME	INGRESSO	COLAÇÃO DE GRAU	DIPLOMAÇÃO
1930	Lycia Conceição Alves	1930	1936	1936
1949	Yêda Gomes da Silva Barradas	1949	1953	1954
1950	Mary Kathryn de Oliveira	1950	1954	1956
1952	Lêda Serra Saraiva Peixoto	1952	1956	1959
	Vilma de Lima Campos	1952	1956	1957
	Zélia Barreto de Almeida	1952	1956	1957
1953	Orbele Coelho de Araújo	1953	1957	1961
1954	Jane de Oliveira Vilares	1954	1958	1959
1955	Arlida Maria Barreiros Cardoso	1955	1959	1960
	Lêda de Souza Oliveira	1955	1959	
	Maria da Conceição Reis Tude	1955		
	Maria Eunice Oliveira de Araújo	1955	1959	1960
1956	Lúcia Maria Leal Gonçalves Pereira	1956	1960	1966
	Yêda Pereira Robatto	1956	1960	1961
1957	Fernanda Maria de Freitas Muniz	1957	1961	1962
1958	Heloisa Telles de Oliveira	1958	1962	1963
	Irmingart Luise Glaeser	1958		
	Iza Vargas Leal	1958	1962	1963
	Maria da Conceição Pereira Alves	1958	1962	1963
1959	Anete Regis Castro	1959	1963	1964
	Gilda Maria de Andrade Garcia	1959	1963	1964
	Maria Sampaio Tavares	1959	1963	1964
	Nadja Correia Gavazza	1959	1963	1964
	Selma Maria Tavares	1959	1963	1964
1960	Léa Amitay	1960		
	Telma Lerner	1960	1964	1964
1961	Maria de Lourdes Bautista Vidal	1961	1965	1965
	Maria do Socorro Targino de Araújo	1961	1965	1965
	Maria Lúcia Freire de Araújo	1961	1965	1965
	Maura de Moura Fernandes	1961	1965	1968
	Sofia Amadora Bautista Vidal	1961	1966	1967
	Stella Maria Araújo Rocha Lima	1961	1965	1967
1962	Ana Maria Vasconcellos Fontenelle	1962	1966	1967
	Ana Tereza Duarte Pontes	1962	1966	1967
	Eduarlina de Oliveira Almeida	1962	1966	1967
	Eliane Vianna Vargas Leal	1962	1969	
	Margarida Cunha de Miranda Motta	1962	1966	1967
	Marta Maria Oton de Lima	1962		
	Zeneide Bartilotte Machado	1962	1966	1967
	Analene Vieira Laurindo	1963	1967	1968
	Bertha Kertsz	1963		
	Célia Maria Gomes Viana	1963	1967	1968
	Edyne de Souza Cruz	1963	1967	1968
	Lélia Python Raynal	1963	1967	1968



1963	Lúcia Maria Soares Guimarães	1963	1968	1969
	Maria do Socorro Amorim Fialho	1963	1967	1968
	Nívea Leite Mesquita	1963	1967	1968
	Núbia Nunes Sarmiento	1963	1967	1968
	Rosa Alba Sarno	1963	1967	1968
	Sheila Maria Cajazeira	1963	1967	1970
	Terezinha Lúcia Gonçalves Rios	1963	1967	1968
1964	Angelúcia Reis Ferreira	1964	1972	
	Esmeralda Rodrigues Cavalcante	1964	1968	1969
	Isaura Maria Carvalho de Andrade	1964	1968	1969
	Jane Lydia de Azevêdo Moreira	1964	1968	1969
	Lícia Maria dos Santos	1964	1968	1969
	Lígia Carvalho Machado	1964	1968	1969
1965	Ana Maria de Góes Oliveira	1965	1969	
	Blanca Aurora Právia Lopez	1965	1969	
	Célia de Moura	1965	1969	
	Darilda Ribeiro Guimarães	1965	1969	
	Elra Nunes Andrade	1965	1969	
	Itanira Lima Bahiense	1965	1969	
	Ivaneuza Maria Leite Lima	1965	1969	1969
	Lídia Luz Conceição	1965	1969	
	Lícia Maria Rodrigues Neto	1965	1973	
	Maria Cecília de Andrade Gomes	1965	1969	
	Maria Eulália Valença Costa	1965		
	Maria Luisa Vasconcelos Coni	1965	1969	
	Maria José Teles de Souza Carvalho	1965	1970	
	Maria Vanda Fernandes Espinosa	1965	1969	
	Norma Mascarenhas Cardozo	1965	1969	
	Rosa Maria Castro Rodrigues	1965	1971	
	Silvia de Castro Lima Vargens	1965	1969	
	Solange Maria de Mattos Mutti	1965	1969	
	Suzana Dantas de Assis Baptista	1965	1969	1969
	Vera Lúcia Travessa de Souza	1965	1969	
Virgínia de Oliveira Kauark	1965	1969		
1966	Alena D'Almeida Monteiro	1966	1970	
	Ana Virgínia Rodrigues de Carvalho	1966	1970	
	Ângela Gomes de Souza	1966	1970	
	Conceição Maria de Araújo Ribeiro	1966	1970	
	Cristina Mary Ventura de Araújo	1966	1970	
	Etelvina Reis Rebouças	1966	1970	
	Gardênia Oliveira David de Azevedo	1966	1970	
	Gilka Maria de Albuquerque Paixão	1966	1970	
	Henia Alice Dunajer Micmacher	1966	1969	1971
	Ires da Silva Salles Nascimento	1966	1970	
	Joana Angélica dos Reis Brito	1966		
	Lucila Bittencourt Leal	1966	1972	
	Maria Adriana Almeida Couto de Castro	1966	1970	
	Maria Cristina Guedes Machado Mello	1966	1970	



	Maria das Graças Oliveira Araújo	1966	1970	
	Maria do Socorro Brasil Gurjão	1966	1971	
	Maria Luiza de Assis Espínola	1966	1970	
	Maria Luiza Figueiredo Serravalle	1966	1977	
	Marlene Carvalho da Silva	1966	1970	
	Nélia Maia Paixão e Silva	1966	1970	
	Odete Dourado Silva	1966	1970	
	Rosa Maria de Holanda	1966		
	Sônia Pedrão Rio Branco	1966	1970	
	Sônia Simões de Ivanoff	1966	1970	
	Valdinéia Fraga Neves	1966	1970	
	Vívian Lene Rebello Correia Lima	1966	1970	
1967	Ana Creusa de Andrade	1967	1972	
	Ana Maria Perrelli da Silva	1967	1972	
	Aydil Araújo Menezes Sampaio	1967	1971	
	Beatriz Bastos Mutti de Almeida	1967	1971	
	Beatriz Pinto Salles	1967	1972	
	Eliana Almeida de Oliveira	1967	1972	
	Esterzilda Berenstein	1967	1972	
	Graça Maria Paiva Dantas	1967	1971	
	Heloisa Maria Noronha	1967	1971	
	Iraci Sousa Barcelar	1967	1971	
	Lídia Rocha Aguiar	1967	1971	
	Lígia de Oliveira Matta	1967	1971	
	Lúcia Maria Teixeira Mesquita Martins	1967	1971	
	Maria Ângela Valente Cesar	1967	1968	
	Maria Augusta Isensee Monteiro	1967	1971	
	Maria Benedita Guimarães Leite	1967	1971	
	Maria Célia Costa Pessoa	1967	1971	
	Maria do Socorro Faria Martins	1967	1971	
	Maria Izabel da Rocha Uchôa Costa	1967	1969	
	Maria José Caribé de Azevedo	1967	1972	
	Maria José Gantois de Carvalho	1967	1971	
	Maria Lúcia Barbosa de Souza	1967	1971	
	Maria Yolanda Campinho Cajueiro	1967	1971	
	Marisa Claro Fernandez	1967	1971	
	Marta Siqueira Valença	1967	1971	
	Martha Schmid	1967	1972	
	Mercina de Nazaré Piori de Castro	1967	1971	
	Neide Moscoso Figueiredo	1967	1971	
	Nelza Maria Menezes Dourado	1967	1971	
	Odete Alves Dias	1967	1972	
	Renilda Andrade Matos de Quadros	1967	1972	
	Sonia Castro Kalil	1967	1971	
Tânia Auster de Stern	1967	1975		
Tânia Maria Dultra Freire de Lima	1967	1973		
Tânia Maria Pacheco Casqueiro	1967	1971		
Tânia Maria Ribeiro de Santana Lopes	1967	1975		



	Thereza Maria Dantas Bezerra	1967	1971	
1968	Ana Lúcia d'Almeida Monteiro	1968	1973	
	Ana Maria de Freitas Mascarenhas	1968		
	Anna Maria Brandão	1968		
	Cássia Regina Carvalho de Magaldi	1968	1973	
	Denise de Moraes	1968		
	Dilene Freire Costa	1968	1973	
	Icléa Hortelino Leão da Silva	1968	1973	
	Isabel Maria Dantas de Assis Baptista	1968		
	Lêda Maria da Silva Gomes	1968		
	Leonôr Gomes dos Santos	1968	1973	
	Lucia de Cerqueira Machado	1968	1973	
	Maria Amélia Borges de Almeida	1968	1973	
	Maria Angela Cardoso Mascarenhas	1968	1972	
	Maria Cristina Costa Freire de Carvalho	1968	1973	
	Maria das Graças Torreão Ferreira	1968	1974	
	Maria Eunice Pinheiro Santos	1968	1975	
	Maria Gleide Santos Barreto	1968	1973	
	Maria Helena Muiños Bouzas	1968	1973	
	Maria Luiza Mendes Lins	1968		
	Maria Tereza de Jesus Soares de Moura	1968	1973	
	Mary Amaral Mello	1968		
	Raymunda Maria Nascimento Oliveira	1968	1973	
	Romilce Oliveira Rios	1968	1973	
	Rosemery de Cerqueira Val	1968	1973	
	Sônia Medeiros de Oliveira	1968	1973	
	Suely da Trindade Costa	1968	1973	
	Susana Acosta Olmos	1968	1973	
	Suzete Araújo Lafene	1968	1972	
	Valdenília Sampaio Rêgo	1968	1973	
	Vera Lúcia Ferreira Santos Gonçalves	1968		
Vitória Régia Franco Nobre Martins	1968	1973		
Wanda Maria de Melo Pinheiro	1968	1973		
Wanda Silva Moraes	1968	1973		
Zulmira Maria Bittencourt Correia	1968	1973		
1969	Ana Lúcia Habib Fernandes da Cunha	1969	1974	
	Anacelia Vieira Laurindo	1969	1974	
	Angela Maria Gordilho de Souza	1969	1976	
	Ariodisa Vieira Vasconcelos Marques	1969	1977	
	Betiza Coelho de Araújo	1969		
	Carmelita Bezerra de Aguiar	1969	1974	
	Dilma Pinto Freitas	1969	1974	
	Eliana Queiroz de Almeida	1969	1975	
	Lucienne Mary de Amorim Aguiar	1969	1974	
	Maria Conceição Freire Prado	1969	1975	
	Maria Lenise Faria de Carvalho	1969	1974	
	Maria Lucia Ganem Assmar	1969	1974	
	Maria Luiza Santana Soledade	1969	1976	



Maria Ruth Penna de Carvalho	1969		
Marta Maria Menezes Silva	1969	1975	
Moema Bastos Mutti de Almeida	1969		
Nadir Gomes Franco Lima	1969	1975	
Nilde do Nascimento	1969	1974	
Stella Dourado Fernandes da Silva	1969		
Vânia Rosa Stolze	1969	1975	
Violeta Maria Ramos Pontes	1969	1974	
Zelma Maria Menezes Santos	1969	1978	
Zuleide Fernandes Mattos	1969	1975	

Tabela 2: Trajetória das mulheres no curso da FAUFBA
Fonte: Elaboração das autoras, 2019.